

Ratio Studiorum

da Companhia de Jesus (1599)
Regime escolar e curriculum de estudos

Edição bilingue latim – português



Introdução, versão e notas por
Margarida Miranda

Ratio Studiorum , um modelo pedagógico por
José Manuel Martins Lopes S.J.

ALCALÁ

Faculdade de Filosofia de Braga - Universidade Católica Portuguesa
Província Portuguesa da Companhia de Jesús

CRÉDITOS:

Título do original: Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu (1599)

Título da versão: Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599). Regime escolar e curriculum de estudos

Introdução, versão portuguesa e notas de Margarida Miranda

Ratio Studiorum, um modelo pedagógico por José Manuel Martins Lopes S. J.

Revisão: José Carlos de Miranda

Editores: Cristina Virott
Antonio Leite Ribeiro
e-mail: imperitura@yahoo.es
IMPERITURA - ALCALÁ

Impressão: Imperitura

ISBN: 978-972-8673-55-0

Na capa: Portada de *Margarita Philosophica* de GREGOR REISCH

Ano MMVIII

A investigação conducente ao trabalho de introdução, versão do latim e notas foi suportada pelo financiamento base atribuído à UI&D – CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS, da Universidade de Coimbra.

NOTA PRÉVIA

No ano de 2005-2006, iniciei na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra um Seminário sobre “Técnicas de Tradução do Latim”, em cujo programa se incorporavam alguns capítulos da *Ratio Studiorum*. Em breve todos nos deparámos com as dificuldades de tradução de um texto que, não sendo literário e gozando de uma intenção essencialmente pragmática, se revelou extremamente complexo. A principal razão deve-se, sem dúvida, ao seu hermetismo. Os *autores* da *Ratio* redigiram um texto que sofreu correcções após correcções, por mãos inúmeras. Os seus destinatários dispunham do privilégio de já conhecerem, no espírito e na letra, na teoria e na prática de décadas de experiência escolar, a mensagem que devia ficar gravada por escrito. Por isso, não é apenas a língua latina que às vezes assume um carácter elíptico, mas também o próprio pensamento, que omite determinados nexos, desnecessários ao leitor do século XVI. A maior dificuldade actual (que resulta talvez da indefinição de certos conceitos da linguagem escolar medieval, de que a *Ratio* é tributária) não constituía, portanto, dificuldade alguma, para o corpo docente e discente que incarnou este modelo de ensino.

O leitor do século XXI, menos familiarizado com o ambiente cultural do século XVI e XVII, sente as dificuldades desse hermetismo e tem que fazer um esforço suplementar de interpretação. Esse é o esforço que desejo agradecer às minhas alunas do Seminário de 2006, Cecília Pires, Filipa Medeiros e Zita Carvalheiro, minhas interlocutoras singulares na interpretação e tradução experimental de algumas páginas deste documento.

Porquê a publicação de um texto latino com mais de quatro séculos, num contexto em que as instituições escolares se encontram tão apartadas do modelo de ensino por ele representado, num tempo em que saber latim é coisa bizarra, quase tão rara como outrora saber sânscrito ou conhecer “línguas orientais”?

A primeira razão é a importância que este texto exerceu na educação de muitas gerações de humanistas e intelectuais de toda a Europa. O texto da *Ratio* é um texto fundador. Qualquer que seja a opinião sobre o ensino dos jesuítas, a sua acção pedagógica estendeu-se a uma tão grande escala geográfica e cronológica que ignorar o documento que presidiu àquele sistema escolar é consentir numa lacuna na História do ensino.

Urge, na verdade, fazer uma leitura moderna da *Ratio* à luz dos mais recentes progressos das novas ciências da educação, e ela só é possível com o conhecimento do texto. O conhecimento desta fonte interessa, pois, não só a historiadores mas também a pedagogos e professores, a linguistas e homens de letras, bem como aos especialistas de ciências da educação. A história das ciências, a história da literatura, a história do teatro, a história da filosofia, a história da exegese bíblica, a história da teologia, a história do ensino, a história da arte têm, neste texto, um documento fecundo de informações, que é frequentemente desconhecido por não ser acessível ao leitor comum, nem à maioria dos académicos.

O fenómeno imparável da fragmentação disciplinar a que chegámos, levados pela especialização exponencial dos conhecimentos, coloca aos saberes novas questões. No ensino, sente-se uma necessidade crescente de rearticular conhecimentos e reorganizar as suas fronteiras, de forma a recuperar a unificação de saberes primordial. A *Ratio Studiorum* representa um exemplo de escola humanística para a formação integral. E enquanto documento fundacional, interessam-nos os seus princípios criadores, não para reproduzir modelos antigos mas para produzir novos modelos, capazes de continuar a realizar a *humanitas* comum da unificação dos saberes que corresponde à prioridade da formação da pessoa e do desenvolvimento cultural das gerações.

Uma palavra final de agradecimento devo ao P.^o José Lopes S.I., meu amigo de Roma, que foi o primeiro companheiro deste projecto, antes ainda de ele nascer. Ao Professor Doutor Mário Santiago de Carvalho, da minha Universidade, pela ajuda que me prestou na compreensão do conteúdo filosófico do texto. Ao meu marido Isaiás Hipólito pelo contributo do seu saber para a leitura da matéria relacionada com o hebraico, a teologia e a Sagrada Escritura. Ao Doutor Ramalho, com quem no passado, traduzi longas horas, pela permanente disponibilidade para o esclarecimento de embaraços maiores. A última palavra de apreço vai para dois humanistas do nosso tempo, o António Leite Ribeiro e a Cristina (das edições Alcalá), homens grandes das Letras em Portugal, por terem acreditado nesta publicação.

À excepção de algumas alterações pontuais, imprescindíveis e devidamente assinaladas, o texto latino segue a edição crítica de Ladislaus Lukács S.I, publicada, em 1986, pelos *Monumenta Paedagogica*, vol. V., 355-454.

Margarida Miranda